PALADAR E MEMÓRIA: UM DIÁLOGO ENTRE *NO CAMINHO DE SWANN* (1913) E *RATATOUILLE* (2007)

Laís Marx Umpierre (UFRGS)[1]
Luísa Freire (Université de Lille)[2]

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo principal examinar a relação entre paladar e memória em duas cenas de obras distintas: *No Caminho de Swann* (1913), romance de Marcel Proust, e o filme de animação *Ratatouille* (2007). Utilizamos de uma metodologia bibliográfica a fim de: (i) analisar as experiências sensoriais e de rememoração relacionadas à comida vividas pelo narrador-personagem de Proust e por Anton Ego; e (ii) explorar a interdiscursividade entre os dois objetos de análise. Dessa forma, elaboramos uma análise literária de dois episódios, atentando às particularidades de cada forma artística (prosa e discurso fílmico), para, em seguida, traçar os pontos de relação entre eles, evidenciando o potencial do paladar de trazer à tona memórias involuntárias e agir internamente sobre as personagens/o indivíduo.

Palavras-chave: Paladar. Memória. No Caminho de Swann (1913). Ratatouille (2007). Interdiscursividade.

Abstract: The main objective of this paper is to examine the relation between taste and memory in two scenes from distinct works: *Swann's Way* (1913), novel by Marcel Proust, and the animation movie *Ratatouille* (2007). Based on a bibliographical methodology, the analysis focuses on (i) the sensorial experiences and the acts of remembrance related to food that are experienced by Proust's first-person narrator and Anton Ego; as well as (ii) the existing interdiscourse between both objects of study. Therefore, a literary analysis of two episodes is performed, considering the singularities of each artistic object (prose and film discourse) in order to then reveal the shared points between them, highlighting the capability of taste to bring forth involuntary memories and to act within the characters/the individual.

Keywords: Taste. Memory. Swann's Way (1913). Ratatouille (2007). Interdiscourse.

1 Introdução

A relação entre as sensações e memórias desencadeia, na vida e na arte, reflexões e, por conseguinte, um trabalho minucioso com o discurso. Como narrar na literatura ou mostrar no cinema o vínculo entre uma fragrância e uma memória de infância? Ou o porquê de um determinado sabor lembrar-nos de um prato e, muitas vezes, de uma pessoa?

Tais ponderações não são estranhas à obra de Marcel Proust, conhecida pela célebre passagem da madalena embebida no chá – sobre a qual nos debruçamos neste trabalho. *No caminho de Swann* é o primeiro volume, de um total de sete, da obra *Em busca do tempo perdido*, escrita pelo autor francês e publicada entre 1913 e 1927, sendo três deles postumamente. Para além do elo entre sensação e memória, propomo-nos a analisar sobretudo a

[1] Mestre em literatura francesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. umpierre.lais@gmail.com
[2] Mestre em estudos literários pela Université de Lille (França). luisagfreire@gmail.com

intensa experiência íntima que desencadeia a narração/escrita do narrador-personagem de Proust. Para tanto, utilizamo-nos dos conceitos de rememoração (Cohn, 1978) e de memória voluntária e involuntária (Benjamin, 1987; Proust, 2006).

Nosso objetivo de análise esquiva-se do costumeiro, pois tem por objetivo abordar, em diálogo com esse clássico da literatura francesa, o filme de animação *Ratatouille* (2007). Produzido pela *Pixar Animation Studios*, o filme estadunidense reúne em cena as noções de memória, afeto e culinária, proporcionando um curioso objeto de análise ao lado do romance canônico de Proust. O estudo do filme demanda ferramentas específicas a essa forma artística (Bernardet, 2017; Joly, 2015; Vanoye e Goliot-Lété, 2002), apesar de concentrarmo-nos especialmente na cena do flashback experienciado pela personagem Anton Ego, um crítico gastronômico, logo após degustar a primeira garfada do prato de origem francesa que dá o nome ao filme.

Limitamo-nos, nesta análise, a tratar sobre o *corpus* explicitado, seus respectivos contextos e questões pontuais que venham a acrescentar à discussão. Não nos ocupamos das obras em sua totalidade nem nos aprofundamos em exames muito detalhados sobre as estruturas delas.

Uma vez as duas cenas analisadas em suas singularidades – verbal e visual, assim como partindo internamente de um *eu* ou sendo apresentada de fora para o espectador –, dedicamo-nos a depreender os aspectos interdiscursivos. Interessa-nos sobretudo a eclosão de memórias passadas e perdidas no âmago das personagens e o efeito que esse processo, desencadeado pela culinária, especificamente pelo paladar, produz nelas. A memória relembrada repercute momentaneamente ou ela é capaz de gerar um efeito duradouro sobre o sujeito?

2 A memória involuntária em *No Caminho de Swann* (1913)

A memória, tanto voluntária quanto involuntária, dispõe de um papel central na narração em primeira pessoa do livro *No caminho de Swann* (1913) de Marcel Proust – primeiro volume da obra *Em busca do tempo perdido*. A cena sobre a qual nos debruçamos localiza-se na primeira parte do livro, intitulada “Combray”. A partir de uma lembrança inicial e de um evento fortuito, o narrador-personagem acessa involuntariamente memórias de seu passado.

A introdução da passagem faz-se pela recordação do narrador sobre a cidade de Combray, onde passava muitas férias com sua família na casa de sua tia Léonie. No entanto, ele reflete sobre os limites dessas lembranças. Uma vez que elas consistem sobretudo nos momentos antes de dormir, nos quais sua mãe lhe dava boa noite ou lhe lia algum livro antes de

apagar as luzes, o narrador reconhece que era "como se Combray consistisse apenas em dois andares ligados por uma estreita escada, e como se fosse sempre sete horas da noite" (Proust, 2006, local. 962). Sua memória parece estar congelada no tempo e no espaço, durante as noites entre as quatro paredes da casa de Léonie. A partir dessa recordação inicial, o narrador autodiegético considera tentar lembrar-se de outros aspectos de sua infância nas férias em Combray, mas reconhece que esse exercício decorre da "memória voluntária", também chamada de "memória da inteligência" (Proust, 2006, local. 962). Ele admite não ter interesse em fazê-lo, pois as recordações resultantes desse empenho deliberado são desprovidas da verdadeira essência do passado. Esse primeiro momento do trecho consiste, assim, em uma memória inicial – os "boas noites" de sua mãe na casa de sua tia – e de uma certa crítica ao ato intencional de rememorar.

Esse movimento do narrador-personagem ocasiona, então, um elogio ao acaso. Se a memória voluntária não se aproxima da verdadeira essência do passado, a memória involuntária, ou seja, as lembranças que surgem inesperadamente em nós deveriam conseguir reconstruí-la. Nesse sentido, o narrador comenta sobre uma crença céltica, segundo a qual, após a morte daqueles próximos a nós, suas almas ficam aprisionadas em animais, vegetais ou objetos até que nos aproximemos ou estejamos em posse do item em questão, promovendo a libertação da alma de sua prisão. No entanto, uma das condições é que o objeto deve ser encontrado *por acaso*: "Esse objeto, só do acaso depende que o encontremos antes de morrer, ou que não o encontremos nunca" (Proust, 2006, local. 975). Podemos compreender, por analogia, que as memórias involuntárias também estariam aprisionadas em objetos e, apenas ao encontrarmo-los por acaso, eles despertariam em nós lembranças neles contidas, memórias perdidas.

As memórias referentes à cidade de Combray, para além das noites na casa de sua tia, o narrador-personagem encontra através do paladar[3], em um determinado sabor. Trata-se do famoso episódio referido costumeiramente como "a madalena de Proust". A madalena, que o narrador embebe em chá, é um bolinho em formato de concha e à base de ovos muito popular na França, chamado de *madeleine* e conhecido no Brasil como madalena.

O relato do narrador autodiegético sobre a experiência vivida, desencadeada pelo paladar, é composto, como Dorrit Cohn (1978)[4] afirma, por momentos de rememoração e pelos momentos, em si, rememorados. Os primeiros se referem àqueles responsáveis por revelar as

[3] A culinária não é algo insignificante na obra de Proust. Sobre o assunto, ver Junko Meguro (2022).

[4] Essa afirmação de Cohn (1978) concerne a toda a primeira parte ("Combray") de *No caminho de Swann* e não somente o episódio da madalena.

memórias esquecidas. O narrador-personagem inicia a narração dando continuidade à importância do acaso: em um dia de inverno, sua mãe lhe oferece uma xícara de chá, apesar de ser "contra [s]eus hábitos" (Proust, 2006, local. 981). Não obstante recusar a oferta inicialmente, *sem saber o porquê*, ele decide aceitá-la.

Como resultado desse acontecimento fortuito, o narrador descreve de forma bastante complexa e detalhada o que ocorre no seu espaço psicológico e as sensações experienciadas. Dessa forma, podemos acompanhar o desencadeamento de uma memória involuntária através do paladar:

> Em breve, maquinalmente, acabrunhado com aquele triste dia e a perspectiva de mais um dia tão sombrio como o primeiro, levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou meu paladar, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, *sem noção de sua causa*. Esse prazer logo me tornara indiferente às vicissitudes da vida, inofensivos seus desastres, ilusória sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou, antes, essa essência não estava em mim, era eu mesmo. (Proust, 2006, local. 857, grifos nossos)

O narrador autodiegético expressa estar, *a priori*, desesperançado, triste, sentimentos que mudam de forma instantânea assim que leva o alimento à boca e sente seu sabor. A sensação que aquela madalena com chá lhe causou foi capaz de tirá-lo completamente do estado inicial de infelicidade e transportá-lo para um estado extraordinário, no qual nada do que lhe afligia antes era capaz de afetá-lo então. Nesse momento de rememoração, de contato com um objeto que guarda uma memória/alma perdida – se crermos na lenda céltica –, ele reconhece que a essência do que sente não estava em seu interior, simplesmente desencadeada pelo paladar, mas era ele mesmo, intrínseco a ele.

Após tomar mais alguns goles de chá, tentando desesperadamente reter em si o estado de espírito vivenciado ao primeiro gole com o pedaço de madalena, o narrador se consagra a um exercício de reflexão. Conforme Ann Banfield (2000, p. 136), um objeto – ou, nesse caso, memória – perdido "pertence ao passado inacessível do proprietário, [e] não [é] mais perceptível segundo sua vontade". Assim sendo, apesar da dificuldade desse movimento interno, o narrador-personagem reconhece a fragilidade do que está experienciando: "o que assim palpita no fundo de mim deve ser a imagem, a recordação visual que, ligada a esse sabor, tenta segui-lo até chegar a mim" (Proust, 2006, local. 1004). O sabor da madalena embebida em chá é o objeto provocador dessa lembrança perdida, o condutor de uma memória esquecida profundamente na alma do narrador e que tenta se revelar. A complexidade do movimento

interno operado pelo narrador é o que Cohn (1978, p. 186) intitula de "momento de rememoração".

O "momento rememorado" (Cohn, 1978, p. 186) refere-se, por sua vez, aos eventos que compõem a memória em si. Mais uma vez, é de maneira inesperada que o narrador autodiegético recupera a lembrança atrelada à madalena e ao chá:

> E *de súbito* a lembrança me apareceu. *Aquele gosto era o do pedaço de madalena que nos domingos de manhã em Combray* [...] *minha tia Léonie me oferecia, depois de o ter mergulhado em seu chá da Índia ou de tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto.* O simples fato de ver a madalena não me havia evocado coisa alguma antes que a provasse; talvez porque, como depois tinha visto muitas, sem as comer, nas confeitarias, sua imagem deixará aqueles dias de Combray para se ligar a outros mais recentes [...]. (Proust, 2006, local. 1010-1016, grifos nossos)

O próprio narrador-personagem dissocia a memória involuntária da visão para associá-la profundamente ao paladar. Walter Benjamin (1987, p. 49, grifos nossos), em seu ensaio sobre Proust, menciona a "camada especial, a mais profunda, dessa memória involuntária, na qual os momentos de reminiscência, não mais isoladamente, com imagens, mas *informes, não-visuais, indefinidos e densos*, anunciam-nos um todo". Semelhante ao que o narrador reconhece anteriormente, a essência da lembrança perdida ultrapassa as fronteiras do material, do objeto, do sabor, para encontrar-se em nós. A experiência palatável da madalena com o chá estimula o narrador-personagem a alcançar uma recordação adormecida e perdida em seu interior.

Retomaremos posteriormente o efeito dessa experiência no narrador autodiegético, mas podemos, desde já, apontar a expansão de suas memórias. Se até então elas eram limitadas às noites na casa da tia Léonie, a partir desse momento as manhãs passam a integrá-las. Trata-se de um pequeno, mas significativo, acréscimo ao retrato da infância do narrador durante as férias em Combray.

3 O afeto e a culinária em *Ratatouille* (2007)

No filme *Ratatouille* (2007), a revelação da memória involuntária, ou como descreve Marie-France Castarède (2012, p. 39, tradução nossa), da "'memória afetiva', armazenada no corpo e que ressurge de maneira fortuita"[5], opera-se no personagem Anton Ego. Uma vez que se trata de uma obra cinematográfica, a introdução da experiência vivenciada pela personagem efetua-se de forma diferente àquela da prosa de Marcel Proust.

[5] No original: "[…] la 'mémoire affective', lotie dans le corps et ressurgie d'une manière fortuite, 'mémoire involontaire'".

Em *No caminho de Swann*, como demonstramos, há um trajeto interno que o narrador-personagem percorre: a partir de uma recordação inicial que ocasiona uma crítica à memória voluntária, ele expõe a crença céltica fundada no acaso e na memória involuntária para, então, ao contato com a madalena, despertar em si lembranças esquecidas. Por outro lado, em *Ratatouille*, o prelúdio da experiência que será internamente vivenciada por Anton Ego no final do filme trama-se por diversos indícios desde seu começo.

A primeira cena de Anton Ego é uma entrevista em que seu nome é acompanhado do aposto "o crítico culinário inflexível" (2007, 1min 5s)[6]. Dessa forma, a personagem é retratada, inicialmente, como impiedosa e sardônica – o oposto de Auguste Gusteau, chef parisiense cujo lema é "qualquer um pode cozinhar" (2007, 9min 6s). Ego é apresentado como responsável pelo declínio do restaurante Gusteau's, pois uma severa crítica sua causa a perda de uma das estrelas do estabelecimento. Tal crítica leva ao estado depressivo do chef Auguste Gusteau, motivando sua morte pouco tempo depois e levando o restaurante a perder mais uma de suas estrelas – passando de cinco a três estrelas.

O papel de antagonista de Anton Ego é reforçado por seus contrastantes valores em relação àqueles de Gusteau e seu adepto, protagonista do filme, o rato Remy. No que lhe concerne, o crítico afirma "levar a culinária a sério" (2007, 1min 11s), zombando da ideia de que todos podem cozinhar. A relação de Ego com a culinária se anuncia elitista e estabelece uma hierarquia em que críticos estão acima dos chefs, para poderem julgá-los. Esse retrato de um homem intransigente e arrogante reflete-se ainda visualmente. A aparência de Ego é intimidadora, seus traços faciais trazem tons pálidos e obscurecidos e seu semblante inexpressivo, acompanhado de um tom de voz monótono, evoca uma frieza externa e interna. Tais características são explicitadas por sua forma de agir, com poucas palavras, um ar desdenhoso e tendências à irritabilidade.

Em contrapartida, segundo a filosofia de Auguste Gusteau, a boa culinária depende de imaginação e audácia para experimentar. Essa perspectiva acolhedora se reflete em Remy que também possui uma relação estreita com a cozinha. O prazer do protagonista no tocante à culinária manifesta-se por efeitos sonoros e visuais quando ele come ou cozinha algo[7]. A importância da sensorialidade é enfatizada pelo próprio Gusteau, ao afirmar que "[b]oa comida é como música que se pode saborear, cor que se pode cheirar" (2007, 4min 18s). Para Gusteau e

[6] No original: "L'inflexible critique culinaire".

[7] Podemos citar dois exemplos: (i) quando Remy come um pedaço de queijo e morango, os efeitos visuais e sonoros reforçam a ideia de sabores únicos e a possibilidade de criar algo novo combinando-os (4min 31s-4min 55s); (ii) quando ele decide consertar a sopa que o desastrado Linguini arruinou, a trilha sonora evoca a paixão de Remy pelo ato de cozinhar, sendo interrompida quando ele é descoberto (23min 26s-24min 55s).

Remy, cozinhar não significa seguir uma receita de modo inflexível, mas deixar-se influenciar por ela e, igualmente, influenciá-la. Trata-se de uma culinária imaginativa e calorosa, uma visão diametralmente oposta àquela de Anton Ego, a qual é colocada em dúvida depois de uma incomum experiência.

Uma crítica positiva feita por Solene LeClaire, outra crítica culinária, sobre a sopa de Remy tem grande repercussão na mídia, chamando novamente a atenção do público para o Gusteau's. Isso desperta a ira de Ego, que acreditava ter destruído por completo a reputação do estabelecimento com sua última crítica anos antes: "[...] essa [a crítica] foi a minha última palavra. A última palavra" (2007, 67min 8s). A nova popularidade do restaurante, incompreensível para si, leva-o a retornar.

Quando Anton Ego chega ao estabelecimento, o novo chef é agora, de modo oficial, Linguini, o recém-descoberto filho de Gusteau e herdeiro do restaurante. No entanto, de modo extraoficial, é Remy, atuando como guia de Linguini que não sabe cozinhar. Dessa forma, a responsabilidade de cozinhar algo que agrade Ego passa a ser do pequeno chefe, que decide preparar o ratatouille. Especialidade do sul da França, o ratatouille é descrito no filme como um prato de camponês, mas é apresentado a Ego de forma moderna, coerente à fina culinária francesa. Desencadeia-se, então, o momento de rememoração da personagem.

O crítico olha para o prato com seu tradicional semblante inexpressivo e leva a primeira garfada à boca, seus olhos arregalam-se e há um rápido *traveling*[8] para trás, mantendo a personagem em foco, como se adentrássemos em sua mente, retornando no tempo. No interior da mente de Ego, assistindo ao que se passa em seus pensamentos, estamos em outro local. A coloração sépia da imagem denota tratar-se de uma memória antiga. Observa-se, no centro da cena, Ego, ainda criança, com uma expressão entristecida, chorando, com os joelhos machucados na entrada de uma casa simples. Ao fundo, pelo que a abertura nos permite ver, há uma paisagem campestre e, próximo à porta, uma bicicleta retorcida no chão que nos informa o motivo da tristeza da criança.

Um rápido corte, em plano americano[9], mostra uma mulher em frente ao fogão, mexendo em uma panela enquanto expressa um sorriso reconfortante olhando para o lado, a trilha sonora suave que embala a cena reforça este sentimento de aconchego. Um novo corte exibe, em primeiro plano, a criança à mesa, onde a mão da mulher coloca um prato de ratatouille a sua frente, com uma apresentação diferente do prato de Remy, mais simples, farta e

[8] Movimento de câmera que se desloca no espaço (Vanoye; Goliot-Lété, 2002, p. 37).
[9] Quando a imagem mostra as personagens "acima do joelho" (Vanoye; Goliot-Lété, 2002, p. 37).

fumegante, afagando-lhe carinhosamente o rosto em seguida, gesto que produz um leve sorriso no menino, feição essa que aumenta assim que ele leva a primeira colherada à boca e sente o sabor da comida.

O flashback acaba com um *traveling*, agora para frente, com foco nos olhos da criança, traz-nos novamente ao presente, de volta ao restaurante, em plano americano, com Ego paralisado, no centro da imagem. Ele deixa a caneta cair e a câmera retorna para a personagem, em primeiro plano; uma música de tom alegre surge ao fundo enquanto as feições do crítico deixam lentamente a inércia, como se ele voltasse a si. Um *traveling* para trás coloca a cena em um plano americano que mostra Ego lentamente desviando o olhar para o prato: ele expressa um sorriso radiante e come avidamente o resto do prato, produzindo um sonoro *hmmm* enquanto fecha os olhos para apreciar o sabor.

À semelhança do narrador autodiegético de Proust, cuja memória involuntária não é despertada pela simples visão da madalena, a recordação perdida no tempo sobre a comida da sua mãe também não surge em Anton Ego diante do prato de ratatouille. Contudo, tão logo a personagem sente o sabor que a memória afetiva irrompe em seu espírito. Como dito anteriormente, o crítico é representado até então como uma personagem estoica, sem traços visíveis de sentimentos que não sejam de tom negativo, como ira e desprezo. Após provar o ratatouille e rememorar seu passado, produz-se uma transformação interna na personagem análoga à que ocorre com o narrador-personagem de *No caminho de Swann*, o que discutiremos a seguir.

4 A madeleine e o ratatouille

Uma vez exposto os contextos nos quais o narrador autodiegético de Proust e a personagem Anton Ego em *Ratatouille* rememoram memórias há muito perdidas, há dois pontos de diálogo entre as obras que nos interessam: (i) o ressurgimento de uma memória pertencente, especificamente, à infância do narrador-personagem proustiano e de Ego; e (ii) a complexa relação temporal, interna aos sujeitos, que eclode a partir da culinária.

No tocante às recordações da infância, o narrador-personagem de *No caminho de Swann* reconhece os limites estreitos do que ele lembrava de suas férias na casa de sua tia em Combray – como tratamos acima. Conforme Castarède (2012, p. 41, tradução nossa), a coincidência da sensação experienciada pelo narrador e da lembrança de ter sentido o mesmo há

muito tempo "provoca a ressurreição de todo um mundo esquecido"[10]. Essa perspectiva de um mundo esquecido, e não somente de uma lembrança do passado, confirma-se pelo relato do próprio narrador:

> E mal reconheci o gosto do pedaço de madalena molhado em chá que minha tia me dava [...], eis que a velha casa cinzenta, de fachada para a rua, onde estava seu quarto, veio aplicar-se, como um cenário de teatro, ao pequeno pavilhão que dava para o jardim e que fora construído para meus pais aos fundos dela (esse truncado trecho da casa que era só o que eu recordava até então); *e, com a casa, a cidade toda, desde a manhã até a noite, por qualquer tempo*, a praça para onde me mandavam antes do almoço, as ruas por onde eu passava e as estradas que seguíamos quando fazia bom tempo. E, como nesse divertimento japonês de mergulhar numa bacia de porcelana cheia d'água pedacinhos de papel, até então indistintos e que, depois de molhados, se estiram, se delineiam, se cobrem, se diferenciam, tornam-se flores, casas, *personagens consistentes* e *reconhecíveis*, assim agora todas as flores de nosso jardim [...], e a boa gente da aldeia e suas pequenas moradias e a igreja e *toda a Combray e seus arredores, tudo isso que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, de minha taça de chá*. (Proust, 2006, local. 1022-1028, grifos nossos)

Notamos que não se trata de uma simples lembrança de passar verões em Combray, pois o próprio cenário é enriquecido por dezenas de outras memórias. A madalena desencadeia o renascimento de todo um mundo perdido no passado. O contraste com a memória inicial do narrador, as noites no pequeno pavilhão que ocupava com seus pais, é subitamente expandida e passa a integrar não uma única memória, mas diversas recordações que se desdobram no tempo e no espaço de Combray. O narrador-personagem rememora seus dias "desde a manhã até a noite" nas ruas e na praça de Combray, que estão, por sua vez, repletas de personagens, moradias e jardins.

A diferença entre a memória voluntária e a memória involuntária revela-se não somente pela riqueza de detalhes ou pela profundidade da segunda[11]: "[a] memória voluntária permite restituir o passado, enquanto a memória involuntária permite revivê-lo" (Castarède, 2012, p. 39, tradução nossa)[12]. Tal experiência é descrita de forma precisa e profunda pelo narrador autodiegético de *No caminho de Swann*, logo, torna-se possível viajar por entre seus pensamentos, ver o mesmo que ele vê, sentir o mesmo que ele sente. Além disso, como a

[10] No original: "La coïncidence entre une sensation présente et le souvenir de cette même sensation éprouvée longtemps auparavant, provoque la résurrection de tout un monde oublié."

[11] Esses aspectos manifestam-se igualmente na extensão do texto: o relato sobre suas memórias voluntárias de Combray ocupam um parágrafo (Proust, 2006, local. 956-968); por outro lado, os momentos de rememoração involuntária perduram por seis parágrafos (Proust, 2006, local. 975-1028) até o fim do primeiro capítulo.

[12] No original: "La mémoire volontaire permet de restituer le passé alors que la mémoire involontaire permet de le revivre [...]".

narração evidencia, a memória se torna cada vez mais concreta e detalhada, como se o narrador se encontrasse novamente em Combray durante as férias de sua infância.

Em *Ratatouille*, por sua vez, acessamos a *flashes* (referimo-nos assim pois se trata de vários cortes, e não de uma filmagem contínua) de um momento na infância humilde e campestre de Anton Ego, no qual a comida de sua mãe mostrou-se como um conforto para a tristeza sentida por ele devido à queda de bicicleta. O sentimento experienciado em decorrência dessa memória afetiva faz com que ele, após o choque inicial, abandone sua postura usual, seu ar esnobe, levando-o a uma explícita alegria e a desfrutar do restante da comida não como um crítico, mas como uma criança, fechando os olhos para tentar revivenciar aquela sensação.

Nesse sentido, a madalena embebida em chá e o ratatouille agem como elementos desencadeadores das memórias involuntárias pertencentes às infâncias do narrador-personagem proustiano e de Ego. Recordações que, como analisamos, são extremamente íntimas e proporcionam às personagens uma sensação imediata de felicidade e conforto.

Para além do imediato afetivo, os momentos de rememoração involuntária instauram uma complexa relação entre o passado e o presente. A partir de uma perspectiva benjaminiana, Luís Inácio Oliveira da Costa (2018, p. 24-25) argumenta que, no processo de rememoração, "o passado se apresenta não como fato objetivo ou como transparência para um sujeito que lembra soberanamente, mas, antes, como imagem nascida do atrito inesperado com um acontecimento sensível do presente". Isso significa que essa experiência concerne essencialmente um encontro do passado e do presente, do eu que vivenciou o passado com o eu que o relembra no presente[13].

Quais são os efeitos dessa experiência que reconfigura a relação entre o eu passado e o eu presente? O episódio da madalena, no romance proustiano, provoca a quebra da vivência linear do tempo pelo narrador autodiegético. Face a esse complexo acontecimento interno, ele é confrontado pela coexistência de dois Eu, o que lhe concede acesso a uma nova dimensão de si mesmo, ou melhor, a uma dimensão esquecida, perdida no passado, de si mesmo. Em *Ratatouille*, o efeito é mais perceptível, pois instaura uma mudança da postura e também dos valores de Anton Ego. Pela memória involuntária, o personagem reencontra sensações que ele achava ter esquecido (Castarède, 2012): retoma uma relação positiva com a comida, transformada não mais em algo a ser julgado (e subjugado a sua crítica), mas em algo a ser

[13] No que concerne à obra proustiana em análise, pode-se usar os termos "Eu narrador" (*erzählender Ich*) e "Eu na/da ação" (*erlebender Ich*), como o faz Leo Spitzer (1970) em seu ensaio sobre o estilo de Proust. Como a função de narrador não se aplica à personagem Anton Ego, optamos por uma nomenclatura objetiva, ancorada no tempo da recordação passada e no tempo de rememoração presente.

desfrutado com prazer. De um caráter intransigente, “o crítico culinário inflexível” passa a acolher novas experiências.

Segundo Fabienne Bercegol (2006), o contato que a memória propicia entre o passado e presente, não concerne apenas um ponto de diálogo entre infância e velhice, mas sim um fio que atravessa toda a vida do sujeito, trazendo à tona questões internas adormecidas, mas jamais completamente esquecidas. A história do mundo e de cada um é cíclica e, ao ser revisitada de forma voluntária ou involuntária, pode mudar ideais, rumos e trajetórias inteiras.

5 Considerações finais

Naturalmente, há muito mais em *No caminho de Swann* e *Ratatouille* do que apenas as cenas que comentamos, tal como há outros elementos nas cenas sobre as quais nos debruçamos neste estudo que mereceriam ser tema de reflexões. Da mesma forma, a própria temática do afeto ligado aos alimentos e importância da memória em ambas as obras também são ricas fontes para contemplação. Entretanto, restringimo-nos a um ponto bastante específico: a interdiscursividade presente entre as cenas, no tocante ao paladar e à memória, compreendendo-a como uma situação semelhante representada e experimentada pelas personagens de formas distintas.

Como analisamos, são duas vivências muito pessoais, profundas e edificantes para as personagens, como uma jornada ao interior de si mesmas, através de caminhos que eles nem ao menos sabiam que estavam em seu íntimo e foram despertadas da mesma forma inesperada para ambos. Trata-se da análise de duas mídias diferentes distantes em época de produção e público-alvo, mas que podem ser particularmente conectadas pelas suas essências narrativas.

O narrador-personagem de Proust, mergulhado em suas memórias tal qual a madalena em seu chá, (re)explora a Combray de sua infância, de uma época em que os contratempos da vida adulta ainda não faziam parte de sua essência e de seu olhar. Ele revive plenamente aquilo que via e sentia em sua simplicidade infantil, retornando essas sensações ao seu eu do presente e transformando sua visão atual através de suas próprias memórias que emergem concretas, claras e lúcidas de sua xícara de chá.

Anton Ego, o crítico inflexível, vê-se confrontado com o extraordinário que existe dentro de si mesmo, com o que talvez tenha o levado a tornar-se um crítico culinário, mas que há tempos estava esquecido, adormecido em seu passado. A memória despertada pelo ratatouille não apenas muda seu humor, mas também sua compreensão com relação a sua profissão e suas

crenças pessoais, modificando toda sua trajetória ao trazer-lhe novamente alegria e cor a uma vida há anos mórbida e sombria.

Por fim, a reflexão do narrador-personagem de Proust sobre as memórias mostra-se frutífera para futuras reflexões, principalmente quando tratamos do paladar como forma de despertar as lembranças, visto que frequentemente temos experiências pessoais semelhantes. Atualmente conceitos como memória afetiva alimentar e *comfort food*[14] destacam a relevância daquilo que foi descrito pelo personagem-narrador proustiano e representado em *Ratatouille*, isto é, a relação entre afeto e sensações, demonstrando a pertinência de um aprofundamento deste estudo na contemporaneidade.

Referências

BANFIELD, A. **The Phantom Table**: Woolf, Fry, Russell and the Epistemology of Modernism. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

BENJAMIN, W. A imagem de Proust [1929]. *In*: _____, **Obras escolhidas**: Magia e técnica, arte e política, v. 1. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 36-49.

BERCEGOL, F. Mémoire et mélancolie : le récit d'enfance dans les Mémoires d'outre-tombe de Chateaubriand. *In*: BOHLER, D. (Org.), **Le Temps de la mémoire** : le flux, la rupture, l'empreinte. Bordeaux: Presses Universitaires de Bordeaux, 2006. DOI: https://doi.org/10.4000/books.pub.27996. Acesso em 2 dez. 2025.

BERNARDET, J-C. **O que é cinema?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2017. **E-book**.

CASTARÈDE, M-F. **Proust (1871-1922) et la mémoire**. Le Journal des psychologues, n. 297, v. 4, maio 2012, p. 38-43.

COHN, D. **Transparent Minds**: Narrative Modes for Presenting Consciousness in Fiction. Princeton: Princeton University Press, 1978.

COSTA, L. I. O. **As imagens do rememorar - um fragmento de Benjamin sobre a memória involuntária de Proust**. FronteiraZ, São Paulo, n. 20, jul. 2018, p. 21-34.

JOLY, M. **Introduction à l'analyse de l'image**. 3 ed. Paris: Armand Colin, 2015.

MEGURO, J. **À la table de Marcel Proust**. BnF Les Essentiels, 2022. Disponível em: https://essentiels.bnf.fr/fr/article/bf46724d-829b-4391-85e1-2efbce656fd6-table-marcel-proust. Acesso em: 2 dez. 2025.

[14] Do inglês, c*omfort food*, que significa "comida de conforto", "comida afetiva" ou "comida reconfortante", é um termo utilizado para referir-se à comidas e pratos que provoquem um bem-estar/conforto emocional. Trata-se comumente de alimentos com os quais o sujeito tenha uma relação afetiva de nostalgia, como algo pertencente à sua infância.

PROUST, M. **No caminho de Swann** (Em busca do tempo perdido, v. 1). Tradução de Mário Quintana. 3. ed. rev. São Paulo: Globo, 2006. **E-book**.

RATATOUILLE. Dirigido por Brad Bird. Produzido por Andrew Stanton; Brad Lewis; John Lasseter. Estados Unidos: Disney/Pixar, 2007. Disney+ (111 min).

SPITZER, L. Le Style de Marcel Proust [1928/1961], tradução de Alain Coulon. *In*: _____, **Études de style**. Paris: Gallimard, 1970, p. 397-473. (Coleção Bibliothèque des idées)

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Tradução de Marina Appenzeller. 2 ed. Campinas: Papirus Editora, 2002.